

# O SURGIMENTO E O DESENVOLVIMENTO DA EPISTEMOLOGIA DA ADMINISTRAÇÃO – INFERÊNCIAS SOBRE A CONTRIBUIÇÃO AO APERFEIÇOAMENTO DA TEORIA ADMINISTRATIVA \*

MAURÍCIO SERVA\*\*

## RESUMO

Este artigo tem origem na constatação do interesse crescente da comunidade científica da administração na construção de uma epistemologia específica nesta área. No Brasil, tal interesse se revela principalmente pela oferta da disciplina de epistemologia em cursos de pós-graduação *stricto sensu*, pelo estabelecimento da epistemologia enquanto tema em duas divisões acadêmicas da ANPAD, pela realização anual na Universidade Federal de Santa Catarina de um colóquio internacional dedicado ao tema, como também pela discussão frequente de assuntos ligados à epistemologia da administração em eventos e publicações científicas. Assim sendo, neste artigo adoto como objetivos sintetizar o surgimento e o desenvolvimento dessa epistemologia específica, e inferir sobre suas prováveis contribuições para o aperfeiçoamento da teoria da administração. Para tanto, empreendo uma revisão sintética de alguns dos estudos mais significativos dessa epistemologia, com base nos seguintes critérios: i) os estudos que declaram diretamente empreender uma abordagem epistemológica, com destaque para os estudos fundadores; ii) os estudos que contribuem, em seu conjunto, para abordar diversas subáreas da

## ABSTRACT

This article originates from the observation of the increasing interest of the scientific community of the administration in building a specific epistemology in this area. In Brazil, such interest is revealed mainly by offering the discipline of epistemology in *strictu sensu* post-graduate studies, by the establishment of epistemology as an issue in two academic divisions of ANPAD, annually the Federal University of Santa Catarina held an international colloquium dedicated to the topic, and also the frequent discussion of issues related to the epistemology of management at scientific events and publications. Therefore, in this article I adopt as purposes summarize the emergence and development of this particular epistemology, and to infer its probable contributions to the improvement of management theory. For this, I undertake a short review of some of the most significant studies of this epistemology, based on the following criteria: i) studies that claim directly undertake an epistemological approach, highlighting the founders studies, ii) studies that contribute to address various subfields of management, iii) studies that show effective theoretical consistency. Then I articulated the following inferences about some of its possible contribution to

\* Data de submissão: 31/07/2013. Data de aceite: 18/03/2014.

Este artigo é fruto de uma pesquisa apoiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

\*\* Mestre e Doutor em administração pela EAESP-FGV. Professor da Universidade Federal de Santa Catarina, coordenador do Núcleo de Pesquisa em Organizações, Racionalidade e Desenvolvimento.

administração; iii) os estudos que apresentam efetiva consistência teórica. Em seguida, expresse as seguintes inferências sobre algumas das suas possíveis contribuições para o aperfeiçoamento da teoria administrativa: a) amadurecimento da teoria pela adoção de uma atitude reflexiva dos pesquisadores; b) melhoria dos protocolos de pesquisa, adequando os métodos empregados aos objetivos das pesquisas; c) favorecimento da aproximação entre teoria e prática, entre pesquisadores e gestores; d) mapeamento realista do campo de atuação tanto dos pesquisadores como dos gestores; e) uma melhor visão de conjunto do campo da administração.

**Palavras-chave:** AEpistemologia. Administração. Ciência.

the improvement of management theory: a) maturation of the theory by adopting a reflexive attitude of the researchers; b) improvement of the research protocols, adapting the methods used to research goals; c) facilitating the rapprochement between theory and practice and between researchers and managers; d) realistic mapping of the field of activity of both: researchers and managers; e) a better overview of the field of administration.

**Keywords:** Epistemology. Management. Science.

## 1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, observa-se a multiplicação de estudos na administração, abordando temas como análise paradigmática, exame de fundamentos e de pressupostos de teorias, análise do campo de produção do conhecimento, discussão metodológica, interdisciplinaridade, dentre outros. Tais temas compõem um largo inventário de abordagens, discussões, debates e sistematizações próprios da epistemologia, campo do saber que elabora um discurso crítico sobre as ciências. Todo esse movimento traz consigo uma espécie de questionamento crítico sobre os caminhos da própria ciência que observávamos em outras áreas, mas até então não na administração.

Por conseguinte, estamos, de fato, constatando a construção gradual de uma epistemologia específica da administração, embora no Brasil ela ainda não tenha a mesma divulgação que em determinados países, o interesse pelo tema em nosso país é crescente. Alguns fatos atestam esse interesse: a) determinados Programas de Doutorado e Mestrado, como por exemplo, o da Universidade Federal do Paraná, o da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o da Universidade Federal de Santa Catarina, dentre outros, já possuem uma disciplina sobre epistemologia da administração em seus currículos; b) nesta última universidade, desde 2011 vem sendo realizado anualmente o Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração; b) no âmbito da ANPAD, em 2009 foi instituído o tema epistemologia na Divisão de Ensino e Pesquisa na Administração e, em 2010, também na Divisão de Estudos Organizacionais.

Assim sendo, neste artigo adoto como objetivos sintetizar o surgimento e desenvolvimento dessa epistemologia específica, e inferir sobre suas prováveis contribuições para o aperfeiçoamento da teoria da administração. Para tanto, discuto as seguintes questões: do que trata a epistemologia? Quais são suas dimensões internas? Como surgiu e como se expande, em particular, a epistemologia da administração? Por que uma epistemologia da administração avança nas últimas décadas, ocupando cada vez mais espaços nas discussões, nas instituições de ensino e nas publicações científicas? Quais seriam as contribuições, enfim, que tal disciplina poderia oferecer para o aperfeiçoamento da teoria administrativa?

Balizado por tais questões, abordarei em primeiro lugar algumas noções de epistemologia geral, tecendo considerações sobre a sua natureza e objetivos e acrescentando informações sobre o surgimento das epistemologias específicas. Em seguida, tratarei do surgimento e do desenvolvimento da epistemologia da administração, dando uma visão geral e inicial do tema por meio de uma revisão sintética de alguns dos estudos mais significativos dessa epistemologia. Sempre ressaltando que essa revisão não pretende ser exaustiva, considero como alguns dos mais significativos estudos aqueles que atendem a, pelo menos, dois dos seguintes critérios: i) os estudos que declaram diretamente empreender uma abordagem epistemológica, com destaque para os estudos fundadores; ii) os estudos que contribuem, em seu conjunto, para abordar diversas subáreas da administração; iii) os estudos que apresentam efetiva consistência teórica. Após o delineamento desse quadro geral e inicial, apresentarei algumas inferências sobre as possibilidades

de contribuição da epistemologia da administração para o aperfeiçoamento da teoria administrativa e, por fim, as conclusões.

## 2. DA EPISTEMOLOGIA E DO SURGIMENTO DAS EPISTEMOLOGIAS ESPECÍFICAS

A epistemologia tem suas raízes na filosofia da ciência, embora nas últimas décadas tenha obtido uma significativa autonomia com relação a esta, como veremos mais adiante. Para vários autores, dentre os quais podemos citar Gaston Bachelard — considerado como um dos representantes da moderna filosofia da ciência —, a epistemologia estaria centrada na análise rigorosa do racionalismo, além de voltada prioritariamente para o estudo das ciências físicas. Bachelard (1971) propõe a noção de “região epistemológica”, ao defender que as “regiões” do saber científico são determinadas pela reflexão profunda sobre o desenvolvimento histórico do racionalismo:

O racionalismo é a consciência de uma ciência retificada, de uma ciência que tem a marca da ação humana, da ação refletida, industriosa, normalizante. [...] Resta-nos provar que as regiões do racional nas ciências físicas se determinam numa experimentação numenal do fenômeno. É aí, e de nenhum modo à superfície dos fenômenos, que se pode sentir a sensibilidade da adaptação racional. (Bachelard, 1971, p. 35).

Japiassu (1991) atribui à epistemologia um caráter essencialmente diacrônico, em sintonia com sua concepção contemporânea:

Devemos falar hoje em *conhecimento-processo* e não mais em *conhecimento-estado*. Se nosso conhecimento se apresenta em *devir*, só conhecemos realmente quando passamos de um conhecimento menor a um conhecimento maior. A tarefa da epistemologia consiste em conhecer este *devir* e em analisar todas as etapas de sua estruturação, chegando sempre a um conhecimento provisório, jamais acabado ou definitivo. É neste sentido que podemos conceituá-la como essa disciplina cuja função essencial consiste em submeter a prática dos cientistas a uma reflexão que, diferentemente da filosofia clássica do conhecimento, toma por objeto, não mais uma ciência feita, uma ciência verdadeira de que deveríamos estabelecer as condições de possibilidade, de coerência ou os títulos de legitimidade, mas as ciências *em vias de se fazerem*, em seu processo de gênese, de formação e de estruturação progressiva. (Japiassu, 1991, p. 27).

É justamente nessa concepção diacrônica que pautarei o tratamento da epistemologia no presente trabalho. Ao adquirir um estatuto próprio, a epistemologia apresenta-se como um saber interdisciplinar, uma vez que busca estudar a produção do conhecimento científico tanto do ponto de vista lógico (herdado da epistemologia tradicional) quanto dos pontos de vista linguístico, sociológico, ideológico, antropológico. Não é por outra razão que Japiassu (1991) admite que o conceito de epistemologia é empregado de modo flexível. Quanto à questão da autonomia da epistemologia com relação à filosofia da ciência, o mesmo autor afirma que “essas noções são complementares: a epistemologia guarda sua autonomia relativamente à filosofia, mas permanece solidária a ela numa integração profunda” (Japiassu, 1991, p. 37).

Desde a segunda metade dos anos de 1960, uma série de fatores concorre para o aprofundamento do questionamento da ciência enquanto saber revelador da essência da natureza e da sociedade. Primeiramente, nas décadas iniciais do século passado o próprio avanço da ciência provocou uma revisão profunda de teorias e de concepções fundamentais nas ciências mais tradicionais, abalando a crença na solidez destas enquanto explicação da realidade: o advento da teoria da relatividade, como também as experiências de Heisenberg — um dos fundadores da teoria quântica — são algumas ilustrações desse processo. Mais tarde, a turbulência política e social do final dos anos de 1960, culminando com o advento da crise econômica nos países do Hemisfério Norte e a sua expansão gradual às outras regiões do mundo, intensificaram o questionamento do saber científico, estendendo-o também às ciências humanas. É sempre bom lembrar que o desenvolvimento científico e tecnológico é um dos pilares da ideia de progresso que prevalece nas sociedades ocidentais. A crise que se abate sobre o Ocidente põe em xeque várias instituições, estando também a ciência e o seu aparato institucional no bojo desse debate.

Nesse contexto, o debate se intensifica com a publicação de determinados trabalhos que rediscutem a noção da ciência como um empreendimento desprovido de interesses outros que não a pura e imparcial busca da verdade. Em 1962, Thomas Kuhn, físico americano, publica “A Estrutura das Revoluções Científicas”, intensificando a análise histórica da ciência e divulgando o conceito de paradigma, por meio do qual o autor chama a atenção para a influência das disputas entre os grupos que compõem a comunidade científica no próprio desenvolvimento da ciência. Em 1976, Pierre Bourdieu, sociólogo francês, publica “O Campo Científico”, um estudo situado no âmbito da so-

ciologia da ciência, que busca identificar e analisar o campo profissional dos cientistas, comparando-o a outros campos profissionais e demonstrando as suas lutas internas, o jogo de interesses e poder. Ambos os trabalhos tem até hoje uma grande repercussão nos meios científicos. A este trabalho de Bourdieu, seguiram-se uma série de estudos que vieram consolidar a sociologia da ciência num ponto de vista essencialmente crítico.

No que concerne à epistemologia, o questionamento da ciência ocasionou uma ampliação do seu escopo: da análise do saber científico globalmente considerado, passou-se a contar também com o desenvolvimento de análises de disciplinas individuais. Assim, atualmente pode-se falar da epistemologia geral — voltada para o saber científico como um todo — e das epistemologias específicas, estas dedicadas ao estudo de disciplinas intelectualmente constituídas em unidades bem definidas do saber científico. Para Japiassu (1991), a tarefa da epistemologia específica é estudar cada disciplina de modo detalhado, mostrando sua organização, seu funcionamento e as possíveis relações que ela mantém com as demais disciplinas. Um aspecto digno de destaque na referida ampliação de escopo diz respeito à autoria dos estudos incluídos na epistemologia específica: em sua grande maioria, eles são produzidos pelos próprios cientistas pertencentes às disciplinas e não por epistemólogos com formação em filosofia (Berthelot, 2001; Japiassu, 1991). Assim, a criação e o desenvolvimento das epistemologias específicas são frutos das obras de economistas, sociólogos, biólogos e demais cientistas atuantes em seus respectivos campos.

No final do século XX e no início deste, observa-se um forte incremento dos estudos epistemológicos, tanto na vertente da epistemologia geral quanto principalmente nas vertentes das epistemologias específicas. Dentre os diversos estudos que compõem esse incremento, destacaremos brevemente aqueles realizados por Edgar Morin, Boaventura Santos, Jean-Michel Berthelot e Bruno Latour.

Edgar Morin elabora uma extensa obra de grande profundidade, inicialmente delineando as bases e, em seguida, discutindo em detalhes o conteúdo do denominado paradigma da complexidade, uma tentativa de unificar o conhecimento científico através da aplicação da visão sistêmica, apoiada pela lógica dialética e pela fenomenologia. A emergência do paradigma da complexidade é uma tentativa de superar os impasses conceituais, lógicos e epistemológicos que disciplinas como a biologia, cibernética, física, comunicação, dentre outras, criaram a partir de seus próprios desenvolvimentos. As raízes históricas desse paradigma científico remontam às pesquisas desenvolvidas no Biologi-

cal Computer Laboratory, fundado por Heinz Von Foerster na Universidade de Illinois nos anos de 1950. Tais pesquisas, mesclando conhecimentos de áreas diversas como a biologia, a cibernética, química e física apresentaram, mais tarde, desdobramentos surpreendentes. Em 1965, Jacques Monod, juntamente com André Lwoff e François Jacob ganharam o Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina por seus trabalhos no campo da biologia molecular; em 1977, Ilya Prigogine recebeu o Prêmio Nobel de Química devido ao seu estudo sobre a termodinâmica. Já no ano de 1982, uma centena de cientistas oriundos de várias áreas (matemática, física, sociologia, antropologia, química etc.), incluindo Morin, reuniu-se num colóquio em Cerisy, na França, para debater o paradigma emergente e seus impactos nos diversos campos do conhecimento (Dumouchel; Dupuy, 1983). A partir desse evento, o paradigma da complexidade obteve o reconhecimento da comunidade científica global como uma nova forma de construção da ciência (Dupuy, 1982). Edgar Morin é o principal sistematizador das bases epistemológicas desse paradigma, sua vasta obra, incluindo os seis volumes da série intitulada “O Método”, tornou-se a referência primordial nessa área. Comentando a obra de Edgar Morin, Christian Descamps afirma que “para Morin, a ciência não deveria se contentar em estender seus objetos. Ela deve mostrar-se capaz de estudar a si mesma, de confrontar idéias que o sábio especializado não pode conceber sozinho” (Descamps, 1991, p. 103).

Ainda na perspectiva da epistemologia geral, o conjunto da obra de Boaventura Santos, sociólogo português, reveste-se de uma importância capital, pois nos oferece uma rigorosa retrospectiva histórica da ciência desde o século XVI até o presente, ao passo que elabora inferências para a trajetória futura do conhecimento científico. Identificando as origens, o conteúdo essencial e as consequências do que o autor chama de “paradigma dominante” nas ciências desde o século XVI, Santos analisa em profundidade a crise da ciência na atualidade e em seguida delineia o “paradigma emergente” (Santos, 1987), cuja essência se assemelha muito ao paradigma da complexidade. Dando continuidade ao seu trabalho epistemológico, o autor discute a racionalidade científica (Santos, 2000), para depois investir fortemente na reconstrução do conhecimento, reunindo cientistas de várias áreas do saber e de países diversos numa discussão epistemológica inovadora com a publicação em 2004 da coletânea intitulada “Conhecimento Prudente para uma Vida Decente”. As teses avançadas nesta última publicação representam um amplo balanço da situação atual do conhecimento científico, com-

plementado por propostas de novos caminhos para a ciência que estão alimentando significativamente o debate sobre o futuro desse tipo de saber.

Na perspectiva das epistemologias específicas, ressalto o trabalho coletivo dirigido por Jean-Michel Berthelot (2001), o qual congrega análises da economia, história, geografia, linguística, comunicação, sociologia, antropologia e demografia realizadas por autores pertencentes aos seus respectivos campos. Berthelot explica que esse livro foi elaborado em três níveis. O primeiro nível visa apresentar o espaço de conhecimento das disciplinas analisadas, a forma como ele se constituiu historicamente e como ele é preenchido por certo número de teorias principais. O segundo nível aborda a questão da proximidade temática e epistemológica dessas disciplinas, através da abordagem de determinados problemas transversais: ação e cognição, história e estrutura, modelos e relatos, dentre outros. O autor adverte que tais problemas não foram escolhidos ao acaso, pois eles concentram desde o início do século passado uma parte importante do esforço teórico e reflexivo no seio das ciências sociais. O terceiro nível busca alcançar a unidade na pluralidade, por meio da tentativa de resposta à seguinte questão: pode-se reduzir a extrema diversidade das disciplinas analisadas a uma espécie de carta cognitiva e programática? Nesse nível, alguns temas são discutidos, tais como “das teorias aos programas de pesquisa”, “dos programas aos esquemas”, “esquemas e dados: descrição e explicação”, “integração e confrontação das ciências sociais”. A obra dirigida por Berthelot apresenta ricas descrições e análises de cada uma daquelas ciências, elaboradas sob o ponto de vista de autores com formação e experiência em cada campo particular, o que acaba por se tornar uma referência indispensável no estudo das epistemologias específicas na atualidade.

Assim, além de um repensar sobre a epistemologia geral, esses novos estudos que surgem a partir de 1980 avançam no reconhecimento e na análise de epistemologias específicas. É desse aspecto que me ocuparei a seguir, ao abordar esse fenômeno no campo da administração.

### 3. SURGIMENTO E DESENVOLVIMENTO DA EPISTEMOLOGIA DA ADMINISTRAÇÃO

A reflexão sistematizada sobre a natureza, os fundamentos e a construção dos conhecimentos científicos em administração inicia-se no final dos anos de 1970 e começo dos anos de 1980. Num período de três anos — entre 1979 e 1981 — constata-se o lançamento de três livros, os quais examinarei brevemente a seguir, denotando o ponto de

partida de uma epistemologia da ciência administrativa. Como a administração faz parte do grande conjunto das ciências sociais, e é considerada por muitos como uma ciência social aplicada, atribuo como causas desse início da reflexão sistematizada aquelas mesmas causas que apontei anteriormente para o questionamento da ciência em geral (a crise da ciência, acoplada às crises econômica, social e política).

#### 3.1. O SURGIMENTO DA DISCUSSÃO EPISTEMOLÓGICA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO

O primeiro sinal da reflexão de natureza epistemológica sobre a ciência administrativa que obteve uma razoável difusão nos meios acadêmicos veio com a publicação do livro *“Sociological Paradigms and Organizational Analysis”*, escrito por Gibson Burrell e Gareth Morgan em 1979. Mesmo não sendo um trabalho que aborda de forma mais completa as questões epistemológicas, pois se restringe à análise de paradigmas, posso indicar que esse estudo sinaliza para o surgimento futuro de uma epistemologia específica da administração. Partindo da configuração da sociologia, os autores apontam quatro paradigmas que, segundo eles, orientam a produção científica na análise organizacional: funcionalista, humanista radical, estruturalista radical e o interpretativo. A publicação desse livro inaugura uma série de trabalhos que serão elaborados mais tarde sobre os paradigmas na análise organizacional, desembocando na constituição de um tema de estudo abordado com razoável frequência por autores interessados no debate paradigmático. Alguns exemplos desses trabalhos são: i) o de Morgan (1980), no qual o autor reforça a visão dos quatro paradigmas difundidos pelo livro e acrescenta a utilização de metáforas para a análise organizacional, adotando um caminho que o conduziu mais tarde à publicação do famoso livro *“Imagens da Organização”*; ii) o livro *“L’analyse des organisations”*, publicado no Canadá por Chanlat e Séguin (1992), que propõe uma outra base para o exame das teorias organizacionais composta por dois paradigmas, a saber, o funcionalista e o crítico; iii) o trabalho de Lewis e Grimes (1999), propondo a construção de teorias administrativas por meio do emprego simultâneo de vários paradigmas, ou como os próprios autores o definem, mediante um processo de “metatriangulação”.

No ano seguinte ao lançamento do livro de Burrell e Morgan, Chevalier e Loschak (1980) publicaram na França um livro intitulado *“A Ciência Administrativa”*. Apesar de se tratar de um livro de tamanho reduzido e dedicado inteiramente à discussão da realidade francesa, observa-se pela pri-

meira vez o tratamento conjunto de temas como a “constituição do campo científico da administração” e “obstáculos epistemológicos a superar”, numa nítida incursão pela disciplina epistemológica, embora ainda incipiente.

Praticamente no mesmo período da divulgação dos estudos citados acima sobre a ciência administrativa, mais exatamente no ano de 1981, Alberto Guerreiro Ramos publica o livro intitulado “A Nova Ciência das Organizações”. Nesse seu último livro, o autor dedica algumas páginas à discussão epistemológica da teoria administrativa, antes de propor as bases de uma nova abordagem para a teoria. A importância que Guerreiro Ramos atribui à epistemologia pode ser atestada por esse trecho de seu livro:

A disciplina organizacional contemporânea não desenvolveu a capacidade analítica necessária à crítica de seus alicerces teóricos e, em vez disso, em grande parte toma emprestadas capacidades exteriores. Por essa razão, condenou-se a si mesma a permanecer pré-analítica e, para sempre, na periferia da ciência social. Dificilmente um campo disciplinar atingirá o nível sofisticado de conhecimento requerido para o ensino em grau superior, se não for capaz de desenvolver um caráter crítico de si mesmo, extraídas as suas bases epistemológicas. (Guerreiro Ramos, 1981, p. 118).

Assim, o autor deixa claro que, na sua visão, o desenvolvimento de uma epistemologia específica é uma condição *sine qua non* para a elevação qualitativa de uma disciplina científica e também para que o seu ensino seja realizado num alto nível. A natureza da discussão epistemológica que Guerreiro Ramos empreende é de cunho crítico, uma crítica endereçada à teoria administrativa dominante naquele momento. A discussão aberta pelo autor passa pelos seguintes temas: a organização como um sistema epistemológico; pontos cegos da teoria organizacional corrente; reexame da noção de racionalidade; peculiaridade histórica das organizações econômicas; interação simbólica e humanidade.

Após o ano de 1981, portanto, tínhamos já um patamar básico estabelecido para o incremento da epistemologia da administração. No desenrolar dos anos de 1980, diversos trabalhos foram elaborados nessa disciplina, dentre os quais destacarei a seguir alguns dos mais importantes.

### 3.2. O DESENVOLVIMENTO DA EPISTEMOLOGIA DA ADMINISTRAÇÃO

Entre 1981 e 1984, uma série de seminários sobre epistemologia foi realizada no Programa de

Doutorado em Administração da Universidade Laval, em Quebec, sob a coordenação de Alfred Houle. Após o falecimento prematuro do professor Houle em 1984, e coincidindo com a comemoração dos vinte anos de funcionamento daquele doutorado, Michel Audet e Jean-Louis Malouin (1986) — professores do mesmo Programa — organizaram uma coletânea dos textos discutidos durante os seminários, publicando em 1986 um livro intitulado “*La Production des Connaissances Scientifiques de l’Administration*”. Esse livro torna-se um marco na construção da disciplina em questão, pois expressa o estabelecimento efetivo da epistemologia da administração. O livro é inteiramente dedicado à nova disciplina, oferecendo pela primeira vez aos pesquisadores da administração um tratamento aprofundado de temas tais como o campo, a cientificidade, a diversidade e os processos de produção dos conhecimentos científicos em administração. Tentarei reportar aqui uma síntese dos principais conteúdos dessa importante obra.

Na primeira parte do livro, o próprio Michel Audet (1986) discute o conceito de campo e também o interesse de empregar esse conceito para tratar do desenvolvimento e do conteúdo da ciência administrativa. O campo é definido como um sistema composto por atores e suas relações. Os atores principais do campo de produção do conhecimento administrativo são os gestores profissionais, os professores e pesquisadores universitários, e os consultores organizacionais. Em conformidade com os estudos de Pierre Bourdieu, Audet adverte que esse campo é também um espaço de disputas e, portanto, a sua dinâmica deve ser analisada como um processo social. Nessa abordagem do campo, Audet (1986) identifica que o aspecto fundamental que está em jogo, ou seja, no centro das disputas é a definição do que é ciência, dos critérios de validade do conhecimento que é produzido pelos atores do campo; daí decorre a obtenção das condições de satisfação de interesses de poder, de *status*, de recursos materiais e simbólicos no espaço profissional.

Na segunda parte do livro, Gagnon (1986a) ilustra algumas transformações do campo, particularmente no ambiente das escolas de gestão. Em seguida, Dominique (1986) procede a uma revisão geral dos pressupostos epistemológicos subjacentes às lutas metodológicas que animaram o campo da economia desde a sua institucionalização. Essa revisão se reveste de uma importância considerável, pois a economia é uma ciência que possui uma interface importante com a ciência administrativa. Price (1986), por sua vez, examina as concepções clássicas da ciência e do método científico para então propor uma atualização dos mesmos, visando

aplicá-los à administração no sentido de reduzir a oposição entre teoria e prática. A preocupação com a prática faz avançar a análise epistemológica, demonstrando que ela pode contribuir significativamente para o aperfeiçoamento de uma ciência social aplicada, como a administração. É nessa direção que Landry (1986) aborda a natureza do conhecimento administrativo e sua relação com a prática. O autor trabalha a epistemologia e a metodologia científica em administração como uma espécie de “um vasto canteiro de obras”, no qual os membros do campo administrativo tem interesse em agir, pois é adotando essa via que a ultrapassagem das oposições tradicionais e o reconhecimento da diversidade dos processos de produção do conhecimento científico são possíveis. Neste sentido, Gagnon (1986b) retorna com um segundo texto, no qual elabora um balanço das principais transformações observadas na teoria da gestão financeira durante os últimos trinta e cinco anos, oferecendo aos especialistas dessa área uma oportunidade para a reflexão sobre a trajetória da teoria face às expectativas da prática.

Edgar Morin (1986) inaugura a terceira parte da coletânea, abordando o tema da complexidade e organização. O autor elabora uma série de raciocínios com vistas a contribuir com o desenvolvimento da teoria administrativa a partir das descobertas do paradigma da complexidade. Bherer (1986) dá prosseguimento à reflexão dos autores precedentes, abordando a questão da oposição entre os métodos qualitativos e os quantitativos de pesquisa. O autor rejeita essa oposição, reconhecendo a diversidade dos protocolos de pesquisa que marca a administração. Herbert Simon (1986) apresenta três formas concretas de pesquisa nas organizações: os estudos experimentais em uma organização, os estudos de observação em uma ou várias organizações, e a modelização via recursos computacionais no estudo da tomada de decisão. Simon reconhece que a modelização em si não é suficiente para assegurar o rigor e a validade da pesquisa, mas ela contribui muito, uma vez que a “intolerância” do computador é implacável com um possível relaxamento do pesquisador.

Ao todo, vinte textos fazem parte da coletânea. Como considerações transversais, podemos constatar que o campo da ciência administrativa é fracionado segundo múltiplos recortes que colocam em jogo os interesses dos seus membros, suas opções epistemológicas e metodológicas, os projetos de produção de conhecimento nos quais eles trabalham e a divisão social do trabalho que os afetam. Num tal contexto, as contradições entre as diversas opções feitas pelos membros, bem como a dinâmica acelerada das transformações do campo

emergem com clareza. Em face dessa configuração, Audet se interroga e arremata: Deveríamos nos espantar com um campo em transformação rápida e incessante, ao mesmo tempo integrado por seu objeto global e diversificado pelos objetos que nele são recortados? Para o autor, o que aparentemente parece constituir a fraqueza principal da administração, em verdade constitui sua força mais viva e o princípio explicativo de seu dinamismo; toda tentativa de sufocar a sua diversidade, as tensões entre facções, contribuirá para a sua estagnação (Audet, 1986, p. 19).

Dentre os diversos trabalhos que se seguiram ao de Audet e Malouin, ressaltarei alguns com o intuito de proporcionar ao leitor uma visão geral e inicial (sempre em conformidade com os critérios apresentados na introdução deste artigo) do desenvolvimento da jovem disciplina.

Martinet (1990a) realiza um esforço notável de correspondência entre a epistemologia geral e a epistemologia da administração ao examinar as grandes questões que ao longo do tempo vêm marcando o debate epistemológico. O autor examina as seguintes questões com um olhar inovador, pois lançado a partir do ponto de vista do produtor de conhecimento em administração: verificação x refutação, hiperempirismo x antiempirismo, explicativo x normativo, intencionalismo x determinismo, explicação global x explicação local, purismo x anarquismo metodológico. Após inserir o conhecimento administrativo no coração do debate sobre as bases e o futuro da ciência, Martinet prega uma “abertura do método”, como forma de fazer a ciência administrativa evoluir: “o que importa é a construção de enunciados razoáveis, comunicáveis, discutíveis pelo duplo jogo da experiência (mais do que pela experimentação) e do exercício das lógicas. Aos cientistas cabe conceber e declarar seus métodos, os quais representem sempre um sujeito que caminha, um território mais que um objeto, um caminho, um percurso” (Martinet, 1990, p. 27).

É nessa perspectiva que Martinet (1990b) elabora um estudo epistemológico sobre a área da estratégia empresarial. Definindo a estratégia como “a concepção, preparação e condução de uma ação coletiva de tipo econômico num meio conflituoso”, o autor identifica as proposições gerais que acompanham os estudos em estratégia: i) atores (organizações) dotados de autonomia e funcionalidade; ii) atores no ambiente suscetíveis de agir e reagir relativamente ao ator focal; iii) uma teoria “interessada”, na medida em que visa conduzir o ator de um estágio para outro; iv) uma teoria cujos critérios de validade são buscados na eficácia e na eficiência, e não numa “verdade científica”; v) uma

teoria composta de duas vertentes, uma descritiva e outra normativa. Em seguida, Martinet extrai os principais paradoxos frequentemente encontrados na teoria da estratégia: sujeito x objeto, transformação x conservação, alcance de objetivos x mudança de objetivos, racionalidade x espontaneidade, liberdade x adaptação, conhecimento das regras x mudança das regras, cálculo x aposta. Aprofundando as implicações teóricas da natureza paradoxal da estratégia, Martinet indica como saída a adoção do pensamento baseado no paradigma da complexidade e cita a visão de Edgar Morin, visando uma melhor compreensão dos fenômenos organizacionais. O autor argumenta que:

Convém, então, de início, se convencer de que os pólos contrários atuam, quer se queira ou não. É assim que toda enunciação estratégica deliberada faz nascer comportamentos e ações não estritamente desejados, que de forma incremental farão emergir uma estratégia diferente, ou que toda tentativa de homogeneização deslança processos de heterogeneização. É, então, necessário que a reflexão seja capaz de pensar a coexistência dos contrários. [...] Salvo a se degenerar em exercício tecnocrático, a estratégia não pode se apoiar exclusivamente no analítico, seqüencial, serial, digital... [...] Ela se arrisca a cair no imaginário puro, no mito, no fluido artístico. (MARTINET, 1990b, p. 234).

Ainda concernente à epistemologia da estratégia empresarial, Clegg (2004) nos dá, mais recentemente, uma contribuição digna de destaque. O autor identifica a base epistemológica da gestão estratégica com o cartesianismo, o que conduziria a sete falácias que guiam os estudos nessa área, as quais são apresentadas em termos de disparidades, a saber: i) a disparidade entre as fantasias gerenciais e as competências organizacionais; ii) a disparidade entre os objetivos reais e claros e os futuros, possíveis e imprevisíveis; iii) a disparidade entre o planejamento e a implementação; iv) a disparidade entre a mudança planejada e a evolução emergente; v) a disparidade entre os meios e os fins; vi) a disparidade entre uma mente planejadora (a administração) e um corpo planejado (a organização); vii) a disparidade entre a ordem e a desordem. Afirmando a importância de se conceber uma teoria mais centrada na prática real da gestão estratégica, Clegg estabelece uma agenda de pesquisa baseada em temas como poder, identidade profissional, “atores não humanos” (acontecimentos não iniciados por ações dos indivíduos), ética, linguagem e instituições. O autor afirma que “o artigo contribui para um melhor entendimento da linha epistemológica da gestão estratégica contemporânea. Uma dívida para com Descartes foi caracterizada como

resultante em sete falácias do planejamento estratégico. No lugar da ortodoxia estratégica, o artigo propõe seis áreas que vemos como fundamentais para o esforço de compreender a **estratégia como prática**” (Clegg, 2004, p. 30).

Micallef (1990) analisa a epistemologia do marketing, oferecendo um panorama geral para a produção científica nessa área, tendo em vista o atendimento de exigências epistemológicas mínimas de qualidade dessa produção. Em seu esforço analítico, Micallef visita os grandes ciclos históricos da pesquisa científica em marketing: primeiro ciclo (1900-1950), de um marketing descritivo a um marketing analítico; segundo ciclo (1950-1970), de um marketing conceitual, holístico e social a uma metáfora do marketing; terceiro ciclo (1970-1980), de uma epistemologia do marketing às tentativas de teorização geral. Micallef identifica a partir dos anos de 1980 as diversas controvérsias científicas e metodológicas que afetaram o campo do marketing, bem como as iniciativas para alcançar um acordo entre os autores. O autor reconhece o relativo sucesso do chamado “paradigma do intercâmbio social” (entre atores e instituições) em obter um acordo mínimo entre os pesquisadores, tendo como referência, dentre outros, os trabalhos de Carman (1980) e de Houston e Gassenheimer (1987). Todavia, para Micallef, tal acordo não é suficiente para garantir o rigor da produção científica, uma vez que resta aberta a questão metodológica. O autor discute, então, a problemática ligada ao método, reportando as contribuições mais importantes dadas ao longo dos anos de 1980 e chamando a atenção para o aspecto do campo de referência do pesquisador. Micallef finaliza o seu estudo confessando certo pessimismo, devido ao fato do trabalho epistemológico ser, por natureza, inacabado... Ademais, o marketing não estaria ao abrigo da crise geral que afeta a ciência.

Além de permitir uma reflexão sobre o desenvolvimento das diferentes “áreas” do campo, a epistemologia da administração tem proporcionado novas formas de retratar a trajetória histórica da teoria administrativa. Um dos estudos que abre tal perspectiva é o elaborado por Déry e Audet (1996). Os autores remontam a historiografia da teoria administrativa não como uma série cumulativa de abordagens teóricas, e sim sob o ângulo de cada etapa das escolhas epistemológicas predominantes. O resultado do trabalho é inovador, no sentido de pensar as transformações operadas no conjunto da teoria. Quatro grandes etapas podem ser extraídas do exame histórico-epistemológico realizado pelos autores: i) Apropriação do discurso “cientificista”: inicia-se em torno de 1900, com os trabalhos de Taylor e os seus contemporâneos. O campo da

administração é representado como uma espécie de *engenharia social*, os métodos de estudo são a observação e a codificação. Os efeitos desejados são a legitimação e a permanência da nova profissão; ii) “Cientificação” das práticas: a partir de 1940, marcada por um fundamento neopositivista, cujo objeto são as regras de validação científica do conhecimento. O método é centrado na análise formal (quantitativa) e a representação do campo é de uma ciência unitária. Seus efeitos são a especialização crescente da administração em áreas e a institucionalização delas; iii) Revelação da diversidade das práticas: inicia-se em 1970 e tem como fundamento um pluralismo metodológico na administração. Os métodos são tanto conceituais quanto empíricos e a representação do campo é de uma ciência polimorfa. Alguns dos efeitos principais são a fragmentação do saber e a politização definitiva do campo; iv) Derivação conceitual: inaugura-se nos anos de 1980 e é marcada por um esforço construtivista na produção do conhecimento, o qual tem por objetos a cognição e a organização. Os métodos são tanto conceituais quanto empíricos. Neste último período os autores indicam o surgimento de uma epistemologia da administração, ensejando um grande debate paradigmático no campo e, em menor grau, o aparecimento de epistemologias de subáreas da administração. Déry e Audet também advertem que traços de etapas anteriores não desaparecem totalmente, o que torna o campo cada vez mais complexo.

Hatchuel (2000) estabelece outra perspectiva para a historiografia da administração: i) um projeto educativo e iniciático (1900-1939): etapa caracterizada por novas doutrinas que impõem uma redefinição das antigas figuras do empreendedor e do patrão. Essa etapa configura-se como um novo projeto educativo, sobretudo dedicado aos patrões e homens de negócios; ii) um projeto de engenharia, um arquipélago de especialidades (1947-1965): após a Segunda Guerra, desenvolvem-se novos sistemas técnicos e as organizações tornam-se mais sofisticadas. A produção de conhecimento visa então formar técnicos especializados num campo, no qual há um aperfeiçoamento contínuo de tecnologias. É o tempo da dispersão em diversas áreas especializadas e crescentemente isoladas; iii) crises e avanços de uma disciplina numa encruzilhada (a partir de 1965): malgrado sua indiscutível expansão, a administração se vê abalada por questões epistemológicas tais como: qual é o seu objeto? Qual é o status de suas técnicas e de sua eficácia? Como controlar sua própria história sem um referencial teórico forte? Esse período é marcado pela interrogação de seus fundamentos e pela multiplicação das perspectivas acadêmicas (for-

mais, políticas, culturais, críticas, econômicas, etc.). Paralelamente, os métodos qualitativos de pesquisa ganharam uma ampla utilização.

Nesse contexto de fragmentação da teoria, Hatchuel defende então a interpretação da teoria administrativa enquanto teoria da ação coletiva baseada em duas dimensões fundamentais: o saber e as relações interpessoais. Defende também o princípio da não separação entre essas duas dimensões para o estudo da administração. O autor acredita que a ciência administrativa pode hoje pensar uma mutação essencial para ela mesma, para outras ciências sociais e para a sociedade. Segundo Hatchuel: “essa teoria não é um idealismo proclamando uma racionalidade universal, nem um pragmatismo sem princípio ou sem dimensão coletiva. [...] O trabalho dos pesquisadores é aqui um vetor essencial. Uma teoria axiomática da ação coletiva permite pensar novas formas da pesquisa” (Hatchuel, 2000, p. 39). Vale ressaltar que a contribuição de Hatchuel compõe uma coletânea de textos inteiramente dedicados à epistemologia da administração, lançada em 2000 na França e reeditada em outubro de 2012, desta vez em francês e também em inglês. O livro aborda temas como teoria da ação coletiva, instituições da administração, epistemologia das práticas, sistemas de legitimidade, validade de conceitos, relação entre ação e decisão, dentre outros.

Esses estudos historiográficos nos proporcionam um repensar da atualidade da administração, à luz de uma nova visão do passado.

Um dos mais recentes trabalhos de epistemologia da administração é o livro “*Épistémologie des Sciences de Gestion*”, elaborado por Martinet e Pesqueux e publicado em fevereiro de 2013 na França. Os autores afirmam que:

Este livro pretende ser uma leitura epistêmica crítica do corpus de pesquisa sobre as organizações, ao mesmo tempo em que ele propõe vias para uma epistemologia das ciências de gestão que esteja à altura do que exigem atualmente a onipresença da administração e seu impacto sobre a vida dos homens, das sociedades e do planeta (Martinet; Pesqueux, 2013, p. 1).

Dentre outros assuntos, o livro traz discussões importantes sobre a gênese da ciência da administração, seus fundamentos epistemológicos, os principais modelos científicos desse campo e um capítulo final inovador, propondo um “sistema epistêmico-pragmático-ético” da ciência administrativa, no qual os autores oferecem a seguinte definição para o objetivo desta ciência:

Produzir conhecimentos gerais sobre as formas de racionalidade susceptíveis de serem colocadas em prática na atividade dos homens, para amplificar a pertinência e a robustez do agir em cada situação particular na qual o ator mobiliza uma racionalidade contextual (Martinet; Pesqueux, 2013, p. 255-256).

Como afirmei anteriormente, no Brasil, a epistemologia da administração tem suscitado um interesse crescente dos pesquisadores. Dentre os diversos estudos que vêm sendo difundidos nos últimos anos, farei referência aqui a dois que apresentam um grau de qualidade respeitável e que abordam temas bastante diferenciados.

O primeiro deles foi elaborado por Garcia e Bronzo (2000) e se refere a um estudo epistemológico sobre o pensamento administrativo considerado por eles como convencional. Inicialmente, os autores debatem os pressupostos que sustentam a racionalidade da ciência moderna, os quais repercutem nas teorizações das ciências administrativas, com destaque para os pressupostos oriundos da visão do positivismo lógico. Em seguida, abordam três grandes correntes da teoria organizacional: a teoria clássica, a escola de relações humanas e o chamado estruturalismo. Segundo Garcia e Bronzo, a tentativa é relacionar a adequação de antigos valores formais/teóricos no campo da administração aos desafios de uma nova ordem econômica mundial, compreendendo as transformações na esfera produtiva com a aceleração tecnológica e as novas formas de organizar a produção. Em face dessa nova conjuntura, os autores indicam a aproximação da teoria organizacional com a teoria da firma — mais especificamente, a teoria dos custos de transação — ensejando uma interdisciplinaridade renovada entre a administração e a teoria econômica contemporânea. Os autores argumentam que “em seus interesses mais legítimos, grande parte das teorias organizacionais procuraram encarar os problemas que nasciam da própria prática administrativa, com o intuito de antecipar reflexões e ações futuras, em torno da eficiência empresarial. Mas de uma forma deliberada ou não, essas formulações serviram para legitimar posições dominantes já inscritas nos espaços produtivos, reforçando os limites de suas motivações” (Garcia; Bronzo, 2000, p. 14).

O segundo estudo versa sobre uma análise epistemológica do campo do empreendedorismo. Guimarães (2004) constata que o tema do empreendedorismo tem sido amplamente discutido, mas sua definição precisa, suas principais implicações em termos de contexto, especificidades, características e componentes, ainda estão longe de promover um consenso entre os estudiosos do tema do em-

preendedorismo. Essa constatação pode parecer provocadora, porém, ela não traduz nada menos que as dificuldades reais que os pesquisadores encontram. A autora faz um levantamento das definições do termo, primeiramente abordando o campo sob o ponto de vista dos economistas, desde os trabalhos de Schumpeter até os atuais. Segundo Guimarães, “uma das críticas dirigidas aos pesquisadores denominados ‘economistas’ diz respeito à incapacidade de criar uma ciência do comportamento dos empreendedores. Esses se recusavam a aceitar modelos não-quantificáveis. Pode-se dessa forma afirmar que neste momento predominavam os paradigmas do racionalismo cartesiano e do funcionalismo, com limites claramente observados” (Guimarães, 2004, p. 3).

Após realizar o levantamento das definições e abordagens dos economistas, a autora enfoca o trabalho dos comportamentalistas, demonstrando que estes dominaram o campo do empreendedorismo até o início dos anos de 1980, buscando definir o que eram os empreendedores e quais eram suas características. Numerosas pesquisas foram focadas nas características individuais e nos traços de personalidade dos empreendedores. Apesar de todas essas pesquisas, os resultados mostraram-se bastante contraditórios, mesmo que adotando metodologias adequadas e às vezes parecidas. Tais pesquisas parecem mostrar uma forte influência das correntes empírico-analíticas. Seus critérios de cientificidade buscavam sistematizar variáveis e estabelecer graus de significância entre elas, as quais eram preferencialmente quantitativas, procurando a objetividade. O eixo de explicação científica era relacional-causal, numa relação de “causa e efeito”, com base nos pressupostos de que o conhecimento estava no objeto pesquisado. Apresentavam propostas técnicas procurando criar princípios, leis, normas, regras e conceitos, num nível teórico clássico-positivista. Os fenômenos eram analisados isoladamente, logo as análises produziam variáveis isoladas e quantificáveis, na maioria das vezes. Utilizando métodos indutivos, partiam de um conjunto de casos particulares para concluir com o caso geral, ou seja, os comportamentalistas buscavam a generalização de suas pesquisas. Guimarães afirma que, a partir de 1980, há uma clara expansão de estudos sobre o tema, inclusive no Brasil. Um exame detalhado dos principais estudos do empreendedorismo é realizado pela autora, no sentido de tentar compreender os rumos que o campo toma com a expansão observada desde os anos de 1980. A conclusão de Guimarães é assim expressa:

O empreendedorismo é hoje visto como um fenômeno heterogêneo, complexo e multidimen-

sional. O caminho seguido, por meio da literatura analisada com relação às diferentes correntes de pensamento, mostrou a influência de vários paradigmas epistemológicos podendo ser citados: uma dominância quase total dos pensamentos racionalistas, funcionalistas e positivas, principalmente no início dos trabalhos, mas também uma forte presença de trabalhos seguindo a corrente dialética, cibernética e da complexidade. (Guimarães, 2004, p. 10).

Após fornecer um panorama dos estudos que compõem a epistemologia da administração, gostaria de tecer breves comentários sobre as contribuições que essa disciplina pode oferecer à teoria administrativa.

#### 4. INFERÊNCIAS SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DA EPISTEMOLOGIA DA ADMINISTRAÇÃO AO APERFEIÇOAMENTO DA TEORIA ADMINISTRATIVA

Do que foi exposto, podemos inferir sobre as possibilidades que um incremento da epistemologia da administração apresenta para o aperfeiçoamento da teoria administrativa. De início, chamo a atenção para o fato de que a intensificação de estudos de natureza epistemológica voltados para o campo da administração denota um provável começo de amadurecimento desse campo enquanto conhecimento científico. A atitude reflexiva dos pesquisadores em administração acompanha, assim, o mesmo movimento que já há algum tempo foi deslançado tanto nas demais ciências sociais quanto na ciência como um todo. Num período de crise da ciência, quando ela sofre um profundo questionamento, a teoria administrativa não poderia ficar imune, sob pena de perder a oportunidade de rever os seus fundamentos, seus métodos, revelar seus paradigmas, a estrutura do seu campo, tal como acontece nas outras ciências. Essa espécie de movimento pode permitir ao pesquisador compreender o conjunto dos pressupostos sobre os quais sua pesquisa se apóia, como também prever as implicações de suas escolhas, promovendo mais reflexividade sobre sua própria pesquisa.

Como vimos acima, o desenvolvimento da epistemologia da administração tem se dado em várias direções: analisa a produção geral do conhecimento no campo e adentra também em áreas específicas (finanças, marketing, estratégia, empreendedorismo, etc.), focalizando questões de método, de validade do que é produzido e das condições sociais dos processos dessa produção. Tal expansão do questionamento sistematizado pelos próprios atores da administração abre mais espaço para diálogo entre os produtores de conhecimento, in-

cluindo os gestores profissionais. Neste sentido, a epistemologia pode favorecer a tão desejada aproximação entre teoria e prática, entre pesquisadores e praticantes, no âmbito de uma ciência social aplicada. Quem sabe o desenvolvimento da epistemologia específica possa reduzir a tão discutida distância de interesses, de instrumentos e de procedimentos entre os pesquisadores, professores, consultores e gestores profissionais.

O mapeamento dos atores do campo da administração desvela uma realidade mais clara para todos aqueles que atuam ou desejam atuar nesse campo, desmistificando-o e demonstrando a natureza dos interesses que são colocados em jogo, as estratégias dos atores (pessoas e organizações) em busca do poder, de espaços, de status num campo cada vez mais institucionalizado. Demonstra também o estágio do processo de institucionalização e suas consequências em cada país, como no caso do Brasil, onde tal processo é recente, mas acelerado.

Na área do ensino da administração, os benefícios podem ser diversos. A possibilidade, por exemplo, de contar com historiografias alternativas ao caráter serial estabelecido pela dita “TGA – Teoria Geral da Administração” abre novos horizontes e opções para os docentes que desejem fomentar discussões sobre pontos de vista diferentes, formas diversificadas de perceber a administração e sua história, criando condições para visões alternativas aos seus alunos. O debate paradigmático, pela riqueza que traz ao estudo da administração e de suas subáreas, aprofunda o conhecimento da teoria administrativa em si e facilita o debate a respeito de suas ligações com outras ciências, numa época em que muito se fala em interdisciplinaridade. Outro efeito importante da epistemologia pode ser o aumento da nossa capacidade, enquanto docentes e pesquisadores, de compreender a amplitude que a administração vem adquirindo, com a criação sucessiva de subáreas cada vez mais especializadas, correndo o risco de um fracionamento mais grave pela impossibilidade de uma visão de conjunto dos fenômenos e da prática organizacional. Até o início do desenvolvimento dessa epistemologia, não contávamos com qualquer instrumental que pudesse ao menos delimitar a discussão sobre essa amplitude. A epistemologia pode oferecer quadros delimitativos para esse exame, criando chances para a tomada de consciência de todos nós, profissionais do campo.

O potencial de contribuição da epistemologia da administração para o aperfeiçoamento da teoria administrativa é bem mais amplo que o breve inventário indicado anteriormente. Todavia, por se tratar de uma jovem disciplina, prefiro adotar a prudência e finalizar a enumeração dessas possi-

bilidades que na minha visão já indicam a sua importância para o avanço da ciência administrativa.

## 5. CONCLUSÃO

Neste ponto, posso retomar algumas questões lançadas na introdução deste trabalho. A discussão epistemológica passou muito tempo sem interessar a maioria dos produtores de conhecimentos da administração. Talvez por se tratar de uma ciência social aplicada, talvez por falta de um questionamento sistematizado sobre si mesma, a administração cresceu ao longo de oito décadas quase sem nenhuma energia despendida para a construção de um discurso sistematizado sobre si mesma. Enquanto isso, a epistemologia se transformava e ganhava uma nova configuração, dividindo-se em geral e específica. Essa última tentava responder à necessidade de tratar dos desdobramentos que o questionamento à ciência — fruto de uma época de turbulência no Ocidente, em meados do século passado — trazia para os atores da esfera científica. Assim, as epistemologias específicas se dirigiam às diversas ciências, mas a administração permanecia inerte neste sentido, mas firme na sua marcha de expansão.

No período compreendido entre 1960 e 1980 ocorre, entretanto, uma revisão de todas as instituições basilares da sociedade ocidental, incluindo a ciência. A crise econômica, então global, acompanhada das crises social, moral e política acabam por expandir o questionamento também à ciência administrativa, a qual já em si não parecia dar mais conta do seu próprio crescimento e diversificação interna. Esses dois movimentos, externo e interno, promovem a construção gradual de uma epistemologia específica no campo da administração. Ela se desenvolve nos anos de 1980, ganha gradualmente força, se dirige também às subáreas e sinaliza contribuições promissoras para a teoria administrativa.

Neste artigo, tentei discutir primeiramente noções gerais de epistemologia, em seguida demonstrar a criação de epistemologias específicas, para chegarmos ao nosso interesse maior: tratar da epistemologia específica da administração, dar uma visão geral de seu conteúdo, ainda que por meio de sínteses dos principais trabalhos e, por fim, indicar as possibilidades de contribuição dessa epistemologia para o aperfeiçoamento da teoria administrativa. O potencial de contribuição passa, dentre outros aspectos: i) pela abertura ao amadurecimento da teoria administrativa, através da criação de oportunidades para a adoção de uma atitude reflexiva dos pesquisadores; ii) pela melhoria dos protocolos de pesquisa, adequando os métodos empregados aos objetivos das pesquisas; iii)

pelo favorecimento da aproximação entre teoria e prática, entre pesquisadores e gestores, na medida em que a epistemologia aborda também a geração de conhecimento nas subáreas da administração; iv) pelo mapeamento realista do campo de atuação dos profissionais gestores e dos acadêmicos; v) pelo aperfeiçoamento do ensino da administração; vi) e por uma melhor visão de conjunto da administração, concorrendo para diminuir o risco de fracionamento da teoria e, conseqüentemente, do campo de ação profissional.

Tais possibilidades serão postas à prova ao longo do tempo, quando a jovem epistemologia mostrará se ela é capaz de concretizar suas potencialidades. Essa concretização, entretanto, é tarefa de todos nós, atores do campo de produção de conhecimento científico na administração. Estaremos dedicados a essa tarefa, nossos avanços são possíveis, mas os desafios são enormes, principalmente em razão de que a teoria administrativa passou muito tempo sem lançar um olhar sobre si própria. Ao menos, não estaremos nos esquivando de examinar, de refletir corajosamente sobre o que fazemos, porque fazemos e como fazemos. Desse modo, contribuiremos para evitar que a administração seja vista como um campo que se encontra na “periferia da ciência social”.

## REFERÊNCIAS

AUDET, M.; MALOUIN, J.-L. (Orgs.). **La production des connaissances scientifiques de l'administration**. Quebec: Les Presses de l'Université Laval, 1986.

AUDET, M. Le procès des connaissances de l'administration. In: AUDET, M.; MALOUIN, J.-L. (Orgs.). **La production des connaissances scientifiques de l'administration**. Quebec: Les Presses de l'Université Laval, 1986.

AUDET, M. ; DÉRY, R. La science réfléchie. Quelques empreintes de l'épistémologie des sciences de l'administration". In: **Anthropologie et Sociétés**, vol.20, n. 1, 1996.

BACHELARD, G. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 1971.

BERTHELOT, J.-M. (Org.). **Épistémologie des sciences sociales**. Paris : PUF, 2001.

BHERER, H. Le choix de la méthode en fonction de l'objet. In : AUDET, M.; MALOUIN, J.-L. (Orgs.). **La production des connaissances scientifiques de l'administration**. Quebec: Les Presses de l'Université Laval, 1986a.

BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu – sociologia**. São Paulo: Ática, 1994.

- BURREL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. Londres: Heinemann, 1979.
- CARMAN, J. Paradigms for marketing theory. In: SHET, J. (Org.). **Research in marketing**. Greenwich: Jai Press, 1980.
- CHANLAT, J.-F.; SÉGUIN, F. **L'analyse des organisations**. Montreal: Gaetan-Morin, 1992.
- CHEVALIER, J.; LOSCHAK, D. **La science administrative**. Paris: PUF, 1980.
- CLEGG, S. A « máquina estratégica »: fundamentos epistemológicos e desenvolvimentos em curso. In: **Revista de administração de empresas**, vol. 44, n. 4, 21-31, out./dez. 2004.
- DESCAMPS, C. **As idéias filosóficas contemporâneas na França (1960-1985)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- DOMINIQUE, C. R. On the theories of knowledge and the irrationality of *methodenstreit* in economics. In: AUDET, M.; MALOUIN, J.-L. (Orgs.). **La production des connaissances scientifiques de l'administration**. Quebec: Les Presses de l'Université Laval, 1986.
- DUMOUCHEL, P.; DUPUY, J.-P. (Orgs.). **Colloque de Cerisy, l'auto-organisation: de la physique au politique**. Paris: Seuil, 1983.
- DUPUY, J.-P. **Ordres et désordres – enquête sur un nouveau paradigme**. Paris: Seuil, 1982.
- GAGNON, Jean-Marie. La démarche intellectuelle : une note sur le cas des écoles universitaires d'administration. In: AUDET, M.; MALOUIN, J.-L. (Orgs.). **La production des connaissances scientifiques de l'administration**. Quebec: Les Presses de l'Université Laval, 1986a.
- GAGNON, Jean-Marie. La production des connaissances et l'action administrative en finance : un survol historique. In: AUDET, M.; MALOUIN, J.-L. (Orgs.). **La production des connaissances scientifiques de l'administration**. Quebec: Les Presses de l'Université Laval, 1986b.
- GARCIA, F.; BRONZO, M. As bases epistemológicas do pensamento administrativo convencional e a crítica à teoria das organizações. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS – ENEO/ANPAD1, Curitiba, 2000. **Anais...** CD Rom, Curitiba, 2000.
- GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A nova ciência das organizações – uma reconceitualização da riqueza das nações**. Rio de Janeiro: FGV, 1981.
- GUIMARÃES, T. Análise epistemológica do campo do empreendedorismo. In: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE.28, Curitiba, 2004. **Anais...** CD Rom, Curitiba, 2004.
- HATCHUEL, A. Quel horizon pour les sciences de gestion ? vers une théorie de l'action collective". In: DAVID, A.; HATCHUEL, A.; LAUFER, R. (Orgs.). **Les nouvelles fondations des sciences de gestion**. Paris: Vuilbert – FNEGE, 2000.
- HOUSTON, F.; GASSENHEIMER, J. Marketing and Exchange. In: **Journal of marketing**, vol. 51, oct.1987.
- JAPIASSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- LANDRY, M. La connaissance de l'administration: sa nature et sa relation avec l'action administrative. In: AUDET, M.; MALOUIN, J.-L. (Orgs.). **La production des connaissances scientifiques de l'administration**. Quebec: Les Presses de l'Université Laval, 1986.
- LEWIS, M.; GRIMES, A. Metatriangulation: building theory from multiples paradigms. In: **Academy of management**, v. 24, n. 4, 672-690, 1999.
- MARTINET, A. C. Grandes questions épistémologiques et sciences de gestion. In: MARTINET, A. C (Org.). **Épistémologies et sciences de gestion**. Paris : Economica, 1990a.
- MARTINET, A. C. Épistémologie de la stratégie. In: MARTINET, A. C (Org.). **Épistémologies et sciences de gestion**. Paris: Economica, 1990b.
- MARTINET, A. C.; PESQUEUX, Y. **Épistémologie des sciences de gestion**. Paris: Vuibert, 2013.
- MICALLEF, A. Épistémologie du marketing. Convergence méthodologique. In: MARTINET, A. C. (Org.). **Épistémologies et sciences de gestion**. Paris: Economica, 1990.
- MORGAN, G. Paradigms, metaphors and puzzle solving in organizational theory. In: **Administrative science quarterly**, v. 25, n. 4, 605-622, 1980.
- MORIN, E. Complexité et organisation. In: AUDET, M.; MALOUIN, J.-L. (Orgs.). **La production des connaissances scientifiques de l'administration**. Quebec: Les Presses de l'Université Laval, 1986a.
- PRICE, W. La science dans les sciences d'administration. In: AUDET, M.; MALOUIN, J.-L. (Orgs.). **La production des connaissances scientifiques de l'administration**. Quebec: Les Presses de l'Université Laval, 1986.
- SANTOS, Boaventura. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1987.
- SANTOS, Boaventura. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. Porto: Afrontamento, 2000.

SANTOS, Boaventura. **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2004.

SIMON, Herbert. Some design and research methodologies in business administration. In: AUDET, M.; MALOUIN, J.-L. (Orgs.). **La production des connaissances scientifiques de l'administration**. Quebec: Les Presses de l'Université Laval, 1986.